

DOCUMENTAÇÃO DE FÉ: reflexões sobre ex-votos e a sala das promessas do Santuário Nacional de Aparecida

Bianca Gonçalves de SOUZA

Doutora em História Social pela PUC/SP
Doutora em Ciência da Informação pela UNESP/Marília
biancagsouza@yahoo.com.br

Eduardo Ismael MURGUIA

Pós-Doutorado em Ciência da Informação, IBICT
PPGCI UFF e PPGCI UNESP/Marília
murguia@vm.uff.br

Resumo

O presente artigo propõe a refletir sobre a possibilidade de expandir a reflexão acerca do documento. Para além de uma interpretação da escola francesa, retomando outros autores importantes do campo da Ciência da Informação, o debate visa a expor que dentro do campo religioso católico brasileiro, é possível extrapolar a revisão da ideia do documento apenas restrito a espaços ditos informacionais. O Santuário Nacional de Aparecida abriga uma sala na qual permanecem os ex-votos – objetos lá deixados para pagar ou agradecer por algum milagre recebido pelo devoto. É um espaço de mediação e ele mesmo pode ser pensado como um meio, pelas possibilidades de estabelecer mediações. No entanto, é um lugar sagrado, profano, catequético, expositivo, informacional, porém sem ter essa última característica explícita. O artigo inicia refletindo sobre a sala e caminhando na compreensão do documento, para então finalizar com uma propositura de compreender o objeto votivo como documento de fé, fazendo prova de milagres e graças alcançadas e, além disso, pela positividade que traz consigo materialmente falando e pelo valor documental que o espaço da sala lhe confere.

Palavras-chave: documento, Santuário Nacional de Aparecida, ex-voto.

DOCUMENTING FAITH: CONSIDERATIONS ABOUT THE ROOM OF THE PROMISES AT THE NATIONAL SANCTUARY OF NOSSA SENHORA APARECIDA

Abstract

This article brings to light a reflection about the possibility to enlarge the notion about document. Beyond the French school explanation, and taking up again important author of Information Science campus, the debates exposes within the Brazilian Catholic dimensions is possible to extrapolate the revision about the document's idea, which is generally restrict to informational spaces. The National Sanctuary of Aparecida protects in a specific room the votive offerings – objects leaved there whether to pay a promise or to thank for any miracle that someone believes receive it. It is mediation' space and it is can be thought as an environment, because there are possibilities to establish mediations inside it. Although, the room of the promises is a sacred and profane place, it involves a Catechesis mission, expositive, informational, in spite of

this last characteristic does not be explicit. First of all, the article reflects about the room of the promises and follows analyzing the document's comprehension; in a second moment we finish purposing to understand the votive offering as a faith's document, because they assume the position as proof of miracles and received graces, and these special objects brings with them a materiality positive and a documental value which the room fo the promises give to them.

Keywords: Document, National Sanctuary of Aparecida, Votive offering.

O que pode ser entendido como documento? Mais do que isso, o que pode se pensar acerca de um documento de fé? Essa é denominação adotada para a interpretação do Santuário Nacional de Aparecida, localizado no vale do rio Paraíba, em especial, no que tange à sala das promessas e aos milhares de objetos que até ali chegam todos os dias.

Brevemente, vale destacar que o citado santuário abriga a estátua de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, pescada no rio Paraíba em 12 de outubro de 1717. Desde então, existe o exercício devocional à pequena estátua feita em terracota. Com o número de pessoas que acorriam o lugar, construiu-se uma primeira basílica, no centro do município, até que se chegasse ao formato atual do santuário, que abriga a basílica nova e toda uma grande estrutura de recepção do romeiro. É o maior santuário mariano de área no mundo e em 2011, recebeu pouco mais de dez milhões de visitantes¹.

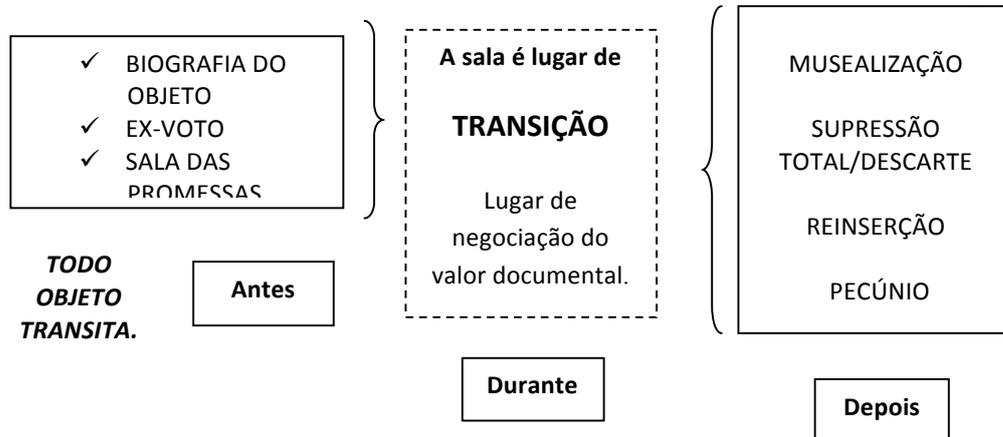
A sala das promessas é segundo lugar mais visitado do Santuário Nacional, só perdendo para a própria estatueta de Maria. Trata-se literalmente do universo de pesquisa: são incontáveis objetos que chegam diariamente, não sendo fácil organizá-los e, menos ainda, o foi quando se pensou em como abordá-los dentro de uma tese, findada em 2012.

No entanto, fazia-se necessária uma ordem. E como toda classificação implica em certas arbitrariedades, houve por bem partir do princípio de se trabalhar com três momentos importantes: o antes da sala das promessas, o durante, e o depois. Como unir esses três pontos? A união se dava na transitoriedade da sala. A sala das

¹ Várias biografias e livros foram tratados na tese, dentre eles Brustoloni (2004), Ribeiro (2004; 2007) e Santuário (s/d).

promessas, então, aparecia como sendo um lugar de constante negociação de valores e, como tal, decidimos observar esses objetos no seu movimento.

Figura 1 - Sistema de chegada, permanência e transição dos ex-votos na sala das promessas



Foram utilizadas categorias para organizar os objetos analisados. Haveria uma imensa possibilidade de classificações; porém era necessário ter claro, primeiramente, que todo objeto **transita** pela sala. Então há um momento de chegada à sala, o antes: pensou-se que a biografia seria capaz de encerrar a discussão desses objetos, formulada através das palavras e lembranças que seus doadores contaram. No entanto, percebeu-se que as biografias são importantes, mas não eram suficientes para explicar nem o ex-voto (que é o objeto dado como paga de promessa), nem a sala em foco.

Em um segundo momento, percebemos que os objetos passam, com maior ou menor velocidade, pela sala das promessas. **E todos passam.** Ainda que demorem dias, meses ou até anos para saírem desse contexto, o ex-voto abandonará a sala das promessas em algum momento de sua trajetória. Sendo assim, pensou-se a princípio em reorganizar os objetos dentro da sala por características dicotômicas. Isso porque a própria sala é um local permeado de dicotomias, tais como, o sagrado e o profano, a miniatura e o gigantismo, anônimos e famosos, descartes e permanências. Essas foram algumas dicotomias escolhidas para melhor caracterizar a sala das promessas.

Entretanto, não esgotaram a compreensão da sala das promessas e de seus objetos votivos. Não eram suficientes para esclarecer a sala como um lugar de negociação constante de valores do documento e dos objetos. Ainda que não seja

adotada aqui a ideia trabalhada por Arjun Appadurai (2006), o objeto não deixa de ter a característica de mercadoria durante todo o tempo de sua existência. Mas dentro da sala das promessas, a compreensão dos objetos apenas como mercadoria implicaria reduzi-los em seus significados e polissemias. O objeto votivo é documento, sagrado, profano, é único e é parte de um todo maior, assumindo diversas perspectivas de análise do ponto de vista da cultura material.

Por conseguinte, o terceiro momento é quando deixa a sala das promessas e aquilo que foi doado assume nova trajetória, e são quatro linhas principais: o retorno à condição de mercadoria, a reinserção no mercado de circulação; a musealização; a supressão e/ou descarte, destruição do objeto; e o pecúnia. Dentro desse quadro, tornava-se provável a descoberta de outros caminhos, por ventura, estabelecidos para tais objetos. Todavia, o relevante é reconhecer que todo ex-voto somente passa, deixando a sala das promessas em algum momento, pois ela não é arquivo, não é museu, não é lugar de permanência, apenas de **ancoramento** intencional. Os objetos viriam a ser constituir enquanto documento no interior da sala e tão somente porque isso era permitido pelo próprio espaço, que ancora, segura alguns ex-votos para documentar a fé das pessoas. O espaço da sala, então, é que permite a atribuição do valor do documento, local que atribui e destitui, ao mesmo tempo, o valor de documentos aos objetos que ali chegam.

A mediação é característica intrínseca do documento. Assim como interpreta Jesús Martín-Barbero (2006) a mediação não é a simples equação reduzida a um emissor, uma mensagem enviada e um receptor que recebe, passivamente. Todavia, o que foi possível de captar é que a sala das promessas, ela mesma, funciona à maneira de um meio, estabelecendo mediações entre os objetos e as pessoas. Fora dela, uma panela de pressão estourada e cuja explosão machucou gravemente alguém seria apenas um fato. Dentro da sala, a panela toda retorcida, estrategicamente colocada ao lado da fotografia da vítima – toda recoberta de gases e faixas – fornece ao visitante a informação daquele evento e mais do que isso, a própria panela- pelo valor que o espaço lhe atribui – é documento, fazendo prova do ocorrido e de um milagre que a vítima acreditou ter recebido, por ter sobrevivido.

A mediação é permeada por significados e interpretações complexas e para além dessa relação descrita. Ela também não encerraria a compreensão a respeito do

trânsito dos objetos pela sala; há os que permanecem na mesma, mas boa parte abandona-a rapidamente, em questão de dia ou horas até. A efemeridade da passagem pela sala e havendo descoberto, então, que todo objeto por ela passa, não estabiliza-se ali, trazia ao lugar um valor maior e ao objeto a característica de mediador, porém valor esse deslocado quando o ex-voto deixa a sala das promessas. Apesar de mediador, o ex-voto transcende essa relação e o espaço da sala das promessas também vai além de um meio que comunica um discurso, uma narrativa, um conhecimento.

Para além da mediação da informação, a sala das promessas tem por função classificar e organizar o que nela permanece ancorado. Classificar, portanto, é tentar compreender o mundo à volta. Michel Foucault (2007) ressalta que a classificação de seres vivos, que começa a ser proposta no século XVIII, se volta para uma possibilidade de colocar a natureza dentro de uma taxinomia, é uma maneira de conhecer e apreender a realidade, levando-nos a entender que tudo aquilo que é classificado dentro de uma cultura é por ela conhecido e identificado, em detrimento daquilo que não é conhecido e que não pode ser identificado, portanto, não existindo.

Foucault (2007, p. 175) nos coloca o exemplo da História Natural para entender esse dado. No século XVIII, iniciam-se os estudos da história dessa ciência, sem levar em conta, todavia, que antes dessa data não existia tal repartição do saber. A História Natural e, depois, a Biologia como ciência para estudar a vida, até então, eram desconhecidas, e isso se dava porque o próprio objeto de estudo dessa ciência última não era conhecido, a vida; “Existiam apenas seres vivos e que apareciam através de um crivo do saber constituído pela história natural”.

Especialmente com a ciência moderna, se inicia um interesse por conhecer o mundo vivido. Esse mundo é apreendido e sabido, e a história se presta a atribuir um sentido diferente: pela primeira vez, pousa-se um olhar minucioso sobre as coisas, os animais, os seres vivos, para então transcrever o observado com palavras neutras e fieis.

E é nesse tempo classificado, nesse devir quadriculado e especializado que os historiadores do século XIX se empenharão em escrever uma história enfim “verdadeira” – isto é, liberada da racionalidade clássica, de sua ordenação e de sua teodicéia, uma história restituída à violência irruptiva do tempo (FOUCAULT, 2007, p. 180-181).

E mais, para dar força a essa ideia acerca da visão das coisas, Eduardo Murguia (2010) reitera a ideia foucaultiana. Como dito, é no século XVIII que a visão das coisas da natureza adquire razão de ser. Vale retomar o mesmo trecho citado pelo autor, no qual Michel Foucault em “A arqueologia do saber”, coloca que:

O documento dessa história não são outras palavras textos, ou arquivos, mas espaços claros onde coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins [...]. Diz-se frequentemente que a constituição dos jardins botânicos e das coleções zoológicas traduzia uma nova curiosidade para com as plantas e os animais exóticos. De fato, já desde muito eles haviam suscitado interesse. O que mudou foi o espaço em que podem ser vistos e donde podem ser descritos. No Renascimento, a estranheza animal era um espetáculo; figurava nas festas, nos torneios, nos combates fictícios ou reais, nas reconstituições lendárias, onde quer que o bestiário desdobrasse suas fábulas sem idade. O gabinete de história natural e o jardim, tal como são organizados na idade clássica, substituem o desfile circular do mostruário pela substituição das coisas em quadro. O que se esgueirou entre esses teatros e esse catálogo não foi o desejo de saber, mas um novo modo de vincular as coisas ao mesmo tempo ao olhar e ao discurso (FOUCAULT apud MURGUIA, 2010, p. 133).

Dessa citação, Murguia (2010) depreende uma análise relevante. Esse quadro ao qual Foucault se refere implica em classificação, isto é, em uma disposição relacional, fazendo com que os objetos adquiram significação pelos vínculos que criam entre si. O que se quer colocar é que não apenas textos são a única maneira de conhecer; os objetos e as coisas também o permitem. E o autor reforça: “Um animal, uma planta, uma pedra não existem para serem observados, aliás, eles simplesmente existem. O que já não acontece com as coisas, com os objetos, com os artefatos; eles existem para algo: permitir nossa existência” (MURGUIA, 2010, p. 133). Porém, ambos, na visão do autor, podem vir a ser documentos.

E no tocante ao documento, ele retoma Suzanne Briet (1951). O antílope e a rocha serão documentos, respectivamente, no zoológico e no museu, enquanto que a estrela lá no céu não seria para a autora, mas a fotografia sim. O documento medeia relação entre nós e a estrela, dentro dessa perspectiva. Há uma estabilização relacional dos objetos e coisas, que necessariamente, tem que acontecer como explica Murguia (2010), assim tornando possível apreendê-lo. Por isso, apesar de Briet (1951) descaracterizar a estrela como documento, Foucault (2007) a entenderia como tal.

“Estabilidade, no caso, é o oferecimento de possibilidade que permitam a observação (em determinadas condições) e as ações às quais dá lugar” (MURGUIA, 2010, p. 134).

Vale retomar sucintamente a reflexão sobre a constituição do documento para se entender melhor o que se entende por documento de fé. Um passo fundamental nessa compreensão é o entendimento de Michael Buckland (1991). O autor propunha que a informação devia ser entendida como conhecimento, processo e coisa. Essa última característica evidencia a necessidade da ampliação do conceito, deslocando o foco de atenção de um ente imaterial para uma coisa material.

Tal proposta abriu novas possibilidades de discussão como, por exemplo, a de Bernd Frohmann (2009), que conseguiu articular a definição de informação como coisa, iniciando uma discussão sobre o documento. Retomando o texto de Michael Buckland (1991), Frohmann revisitou o que é o documento e, dessa forma, demonstrou-nos que tão importante quanto essas definições e delimitações de conceitos encontra-se o contexto de produção desse documento, o procedimento que o gera, dados que não podem ser negligenciados.

Para tal, se fez também necessário uma volta ao passado, revisitando a antiga escola de documentação francesa² que tinha sido negligenciada pela nova Ciência da Informação de cunho norte-americano. Para Suzanne Briet (1951) o exemplo de o que é documento é a possibilidade de esse objeto evidenciar a informação. As citações clássicas do antílope como documento são esclarecedoras: na selva, esse animal não é documento, mas em um zoológico, ele pode vir a ser.

Dessa forma, o presente trabalho se insere dentro de uma corrente de pensamento da Ciência da Informação que pretende contribuir para o debate que leve a uma possível consolidação daquilo que denominamos - talvez de forma apressada - de **teoria do documento**. A tese de Rodrigo Rabello (2009) é elucidativa quando sintetiza a noção de como a Historiografia, a Diplomática e a Ciência da Informação têm sobre documento.

Primeiramente, o autor destaca que a dimensão histórica e positivista do documento foi importante na compreensão do mesmo como prova do passado e para a construção do discurso historiográfico, por exemplo. Em uma segunda consideração, o documento se faz importante para a Diplomática, ou seja, o campo de estudo que se

² Em especial os autores Paul Otlet (1937) e Suzanne Briet (1951).

preocupa com a forma, produção e reprodução do documento. Quais elementos o documento deveria obedecer e trazer consigo? Essa era uma das questões a ser respondida pela Diplomática, a fim de trazer veracidade e consistência ao documento.

Por fim, o documento em face da Ciência da Informação implica em uma valoração socialmente atribuída, capaz de compor um sistema de informação. “Destarte, em termos ontológicos, ser ‘informação-como-coisa’ para a CI é circunstancial, pois dependerá da *pertinência social das coisas* e da *significância das evidências*” (RABELLO, 2009, p. 247). A função de socialização do conhecimento registrado adquire importância e traz novos e amplos debates acerca do documento.

Ulpiano Bezerra de Meneses (1998, p. 91) propõe que o objeto museológico possui qualidades intrínsecas, como peso, medida, matéria-prima, formato, dimensões, etc, que nos falam de sua própria materialidade, enquanto que outras significações como uso, significados e apropriações podem ser extraídas unicamente através da inferência. É justamente no “deslocamento dos sentidos das relações sociais”, que o fetichismo se forma, “criando-se a ilusão de sua autonomia e naturalidade”. Existem então atributos que são historicamente trazidos e agregados aos objetos pelas sociedades e grupos sociais, por meio da produção, circulação e consumo. Não se busca, portanto, o sentido do objeto nele mesmo; seu sentido está na inferência, nos discursos e nas narrativas sobre o mesmo.

A professora Heloísa Beloto (2002), fazendo uma interligação entre o documento de arquivo e sociedade, propõe que eles são testemunhos inequívocos da vida das pessoas e das instituições. Nesse sentido, os documentos de arquivo são capazes de demonstrar como decorreram as relações sociais. Por isso, os arquivos devem estar a serviço da sociedade, no entender da autora; são interdependentes, arquivos e sociedade.

Portanto, o olhar da Ciência da Informação sobre o documento se faz premente para a consolidação dela própria no sentido de incorporar novas abordagens sobre objetos até agora pouco considerados. Ainda, se levarmos em consideração áreas próximas como a Museologia e a Arquivologia, cada uma - desde sua perspectiva - desenvolveu reflexões sobre o que seria o objeto museológico e o documento de arquivo, respectivamente.

Giulio Argan (1994), respaldado pela filosofia kantiana das atribuições de valor, propõe que a arte não é uma qualidade própria de determinados objetos, mas antes uma atribuição de um valor estético que lhe é conferido por agentes e instituições em certos momentos e em determinados lugares. Seguidamente, nos apropriamos dessa ideia de Argan para afirmar, tentativamente, que ser documento então poderia ser também a atribuição de um valor para determinados objetos, que se tornam documentos, sejam ou não criados para tal fim.

Etimologicamente a palavra documento vem do verbo latino que significa ensinar, passando a ter outras acepções, ao longo do tempo, relacionadas com o ensino como lição, aviso, advertência, modelo, exemplo. Somente depois, passou a incorporar um sentido probatório com significados como indício, sinal, indicação, amostra. Assim nos deparamos com um sentido que por um lado induz pelo ensino, e por outro lado, se deduz pela prova. Ainda, ensino e prova de algo que poderíamos chamar de **verdade**.

A procura da verdade foi principal preocupação da Filosofia iniciada pelos gregos, que a considerava o fim último. A verdade, para eles, deveria ser o motivo pelo qual nos indagamos e indagamos o mundo, ao mesmo tempo em que deveria ser também o final dessa averiguação. Essa visão carregava uma noção de verdade como um bem extrínseco que deveria ser alcançado, no caso de Sócrates (Fédon), pelo questionamento contínuo, pela via da interrogação (Maiêutica).

Enquanto que para Michel Foucault (2005), somos forçados a dizer a verdade porque o poder precisa dela para funcionar. Dessa forma, somos também condenados a confessar a verdade e a encontrá-la. O poder não para de inquirir e registrar, motivo pelo qual se institucionaliza a busca da verdade. Os agenciamentos - para que isso aconteça - se associam e se eliminam. Existiram épocas nas quais a verdade foi enunciada pelo Direito, pela História, e atualmente pela Ciência.

Portanto, se a verdade é tal enquanto a sua institucionalização, não devemos esquecer que as instituições são formadas por lugares, por agentes e discursos. Discursos que, além de sua enunciação, procurem também sua permanência no registro. Embora nossa proposta seja inicial, propomos que o documento seja considerado um dispositivo pelo qual a verdade seja agenciada institucionalmente.

Os indivíduos ficam personalizados, de alguma maneira, na representação desses objetos votivos. Além disso, esses objetos são dispositivos, os quais promovem ações, gestos, falas, posturas, omissões, exigindo de quem os vê que se posicione, se manifeste, aja. Os dispositivos, como o filósofo Giorgio Agamben (2009) compreende, trazem uma positividade, exige-a.

Dentro dessa perspectiva, compreendendo os objetos como dispositivos foucaultianos, eles são entendidos como sendo qualquer coisa que tenha “capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”, conforme explica Agamben (2009, p. 40). Tais objetos são capazes de orientar essas atitudes e outras que podem ser pensadas. Esse caráter de dispositivo acaba por reforçá-los também como documento. O objeto votivo assume uma postura, isto é, ele é parte de um juízo e, dessa maneira, sua positividade caminha no sentido de reforçar a positividade frente ao mesmo.

Em suma, fica direcionada, de certa maneira, a compreensão dos objetos votivos como sendo provas de santidade e de milagres de Nossa Senhora Aparecida. Ainda que não seja o mérito de crer ou não crer, o universo material da sala, a disposição, a sala em si, o balcão, o espaço sagrado, os ex-votos dão subsídios para que se pense, realmente, estar diante de uma realidade que transcende o real, que é também etérea, sagrada, poderosa.

Conforme mencionado, alguns dos objetos doados como ex-votos permanecem por um período maior de tempo expostos na sala das promessas. São objetos que ficam ancorados, o que não quer dizer que ali ficarão como se fosse um museu, como parte de um acervo. A ideia de musealização foi aqui apropriada no sentido de representar uma estabilidade que permeia tais objetos: a sala das promessas não é museu, mas possui uma coleção, organizada e que tem algo a dizer aos devotos. E quando se trata de expor objetos que pertenceram a artistas e personalidades famosas, profissionais de alto gabarito, torna-se evidente que tais documentos revelam que também as celebridades nacionais se voltam para a fé, para a religiosidade e para a devoção à Maria em momentos difíceis e diante de infortúnios.

É o caso de uma camiseta da seleção brasileira, deixada por Ronaldo Fenômeno, após a recuperação de uma cirurgia. Ele foi pessoalmente levar a camisa.

Segundo o relato do padre diretor do Santuário nessa época, foi um dia muito complicado, pois foi necessário todo um aparato de segurança para poder recebê-lo. Ronaldo foi de helicóptero até o Santuário. Lá chegando, visitou a imagem, a sala das promessas e deixou a camisa assinada, em sinal de sua recuperação e por ter podido voltar a jogar futebol.

Assim como Ronaldo, outras pessoas o fizeram: jogadores de futebol são bastante comuns e as camisas contendo assinaturas dos jogadores estão em quantidade boa expostas nessa estante. Há também objetos, tais como estetoscópios de médicos, capacetes de trabalho, vestimentas e utensílios de trabalho e ligados a certas profissões. Essa categoria de objetos – ligada às profissões – é uma das temáticas de uma das estantes expostas na sala. Na organização que a caracterizou houve a preocupação em relacionar o mundo do trabalho com a exposição pela quantidade volumosa de agradecimentos ligados a isso, ou então porque são representativos do fim de um esforço e de um sacrifício humanos dos devotos.

Os trabalhos acadêmicos são em grande quantidade deixados na sala das promessas. Estes são encaminhados para o bazar e lá vendidos a preços simbólicos. Dentre esses, se encontram os trabalhos de conclusão de cursos de graduação até teses de doutorado e livros, como o abaixo representado na fotografia, escrito pelo jornalista Marcelo Rezende. Todo o tempo, essa gôndola - que abriga ex-votos deixados por personalidades, artista, cantores e pessoas de destaque perante o público - é objeto da curiosidade dos visitantes da sala. As pessoas mantêm uma postura de admiração frente a tais objetos e, geralmente, se deixam fotografar ao lado da estante. Estão diante de ex-votos de pessoas conhecidas e famosas do grande público e observam essa relação de fé e de manifestação de uma religiosidade por parte de seus ídolos. Nela se encontram objetos deixados, por exemplo, por Renato Aragão, Ayrton Senna, Sandy e Junior.

Em uma carta, Marcos Pontes conta que somente poderia trazer consigo na missão ao espaço dois objetos: um deles foi um pequeno terço e o outro um *bottom*³ de Nossa Senhora Aparecida.

Tem-se que esses objetos são poderosos pelos reforços de identidades e pertencimentos que possam promover, muitas vezes, corroborando identidades

³ Espécie de broche, afixado em roupas.

nacionais. O caso do astronauta Marcos Pontes encaixa-se nessa discussão: expostos dentro dessa estante os objetos, ao lado da miniatura da bandeira nacional, com fotografias que mostram o astronauta envolto pela imagem da bandeira nacional, tem-se o que Davis (1999) salienta, isto é, tais objetos e dadas circunstâncias criam e recriam identidades nacionais.

A sala das promessas é um monumento-documento, assim como Jacques Le Goff (1996) define, o monumento que se torna documento e que pretende ser uma referência, um marco, um espaço no qual se tem imortalizada a memória e a história. A sala das promessas é uma extensão da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Não é um lugar escuro e fúnebre, é claro e bem organizado; não é um museu, mas tem suas coleções e organização próprias. E não é propriamente local de oração, mas é sacralizada, pois os objetos e o espaço em si são ramificações materiais dessa devoção mariana. O que permanece na sala das promessas ancora-se, porque assume significados múltiplos; porém são intencionalmente selecionados esses objetos, para que possam promover inferências sobre Maria, sobre a devoção mariana e sobre os milagres atribuídos a Maria. Os objetos remanescentes na sala das promessas cristalizam relações de fé e de devoção e se prestam a documentar essa relação tão abstrata que é a fé. Uma camiseta ali transcende sua função de vestimenta, para assumir uma papel documental no qual convalida um discurso, naturalizando a crença e a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Os documentos carregam consigo uma positividade que os faz assumir o papel de suportes de informação e, de alguma maneira, se tornam verdadeiros, quando alinhavados e arregimentados dentro de uma instituição. No todo, constituem um discurso catequético-educacional, promovendo um discurso eclesial de que Nossa Senhora Aparecida é milagrosa, atenciosa para com seus devotos, protetora de todos que dela se socorrem e ainda é salvaguarda de uma nação. Esse discurso religioso se concretiza com o auxílio dos objetos-documentos, os ex-votos, que são âncoras para a produção de um saber acerca da mãe de Deus.

Objetos sagrados e rituais preenchem a sala: eles marcam o fim de um processo, de uma luta contra um câncer, o final de uma faculdade, um casamento concretizado, o nascimento de uma criança ali representado em suas vestes de batismo ou no cordão umbilical, representam a libertação de medos e superação de

vícios nas garrafas de bebida alcoólica e nas caixas de remédios. O que fica e permanece nas estantes da sala das promessas são ancorados para representam esses ritos de superação e de mudança na vida das pessoas. Para elas e para quem os olham, os ex-votos representam como a fé ajuda e auxilia no dia-a-dia, no enfrentamento das dificuldades humanas e naturais que são presentes na vida de qualquer ser humano.

O ancoramento dos objetos na sala – uma parcela muito pequena diante daquilo que realmente chega ali todos os dias – promove estabilizações, cristalizações, documentam a fé e os milagres recebidos pelos indivíduos. O ancoramento de um objeto no espaço da sala das promessas aponta no sentido de que esse objeto é intencionalmente selecionado da acumulação diária porque traz consigo elementos caracterizadores da sociedade, do grupo que os observa e os traz todos os anos. Eles são representantes dos próprios indivíduos e por isso mesmo as pessoas se identificam com eles e neles veem a materialização de milagres e graças.

Os objetos votivos promovem inferências, são interpretados pelas pessoas que visitam o espaço da sala. Tornam-se documentos de fé, pelo fato de cristalizarem relações, ações e práticas sociais. Por isso, uma panela de pressão estourada e exposta na sala não é sucata; ela é documento de que alguém sobreviveu ao estouro e, provavelmente, promoveu associação de fé e devoção entre o fato e a crença em Nossa Senhora Aparecida. A panela de pressão cristaliza toda essa narrativa, sua trajetória revela sentimentos, identidades, pertencimentos.

Eis que o objeto votivo – dentro de uma perspectiva trabalhada pela escola francesa documentalista – amplia o entendimento do documento: esse é suporte para inscrição da informação e o pode ser dentro da perspectiva que se quer interpretá-lo e segundo o contexto no qual ele é produzido.

Quando selecionada para ser exposta na sala das promessas, a panela de pressão tornou-se objeto de observação, representando que alguém sobreviveu ao ocorrido, e que nesse momento, viu a oportunidade de ser sido socorrido em suas orações e preces. Marcou esse momento, ritualmente, deixando a panela de pressão na sala das promessas. Para o devoto, ao menos, a panela encerrou uma situação e nada melhor que ela mesma para representar o que houve e ser transformado em documento material, concreto, agenciador para informar e dizer o que é um milagre,

uma graça, uma promessa pedida e cumprida e que contara, para o devoto, com a ação e benevolência de Nossa Senhora Aparecida.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

APPADURAI, Arjun. Introduction: commodities and the politics of value. In: _____. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. Cambridge, Cambridge University Press, 2006. p. 3-63.

ARGAN, Giulio Carlo. **Guia de história da arte**. Lisboa: Estampa, 1994.

BELOTO, Heloísa L. Documento de arquivo e sociedade. **Ciências & Letras**, n.31, p. 167-175, jan/jun. 2002.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951.

BRUSTOLONI, Júlio J. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias**. Aparecida: Ed. Santuário, 2004.

BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n.5, p. 351-360, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso do Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 171-225.

FROHMANN, Bernd. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation**, v.65, n.2, p. 291-303, 2009. Disponível em: <www.emeraldinsight.com/0022-0418.htm>. Acesso em: 24 nov. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2067/1206>. Acesso em: 18 out. 2010.

MURGUIA, Eduardo. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In: FREITAS, Lídia S.; MARCONDES, Carlos H.; RODRIGUES, Ana Célia (Org.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói, EdUFF, 2010. v. 1, p.123-140.

RABELLO, Rodrigo. **A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação**. 2009. Tese (Doutorado). São Paulo: Unesp/FFC/DPGCI, 2009.

RIBEIRO, Zilda A. **Centenário da coroação da sempre rainha Nossa Senhora Aparecida: história e acontecimentos**. Aparecida: Ed. Santuário, 2004.

_____. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de seus escolhidos.**
Aparecida: Ed. Santuário, 2007.

SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA. **Press Kit – Imprensa.** Marketing Institucional,
Assessoria de Imprensa, [s.d.] Disponível em:
<http://www.a12.com/santuário/media/arg/Presskit_Geral_Santuário_Nacional%20atualizado.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2011.